

História da Agroecologia no Rio Grande do Sul/Brasil: o papel fundamental das entidades

Daiana Paula Varotto¹

A agricultura familiar é a responsável pra produção de alimentos no Brasil. No momento em que, somente neste ano, foram liberados para uso mais de 200 novos agrotóxicos a busca por uma alimentação saudável e livre deste agroquímicos é sempre uma constante na vida da população. O presente trabalho faz parte da pesquisa, que tem por objetivo, apresentar o surgimento da agroecologia e das agriculturas alternativas no Brasil a partir do final da década de 1970 e de entidades que promovem essas técnicas de produção e que atuam no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. A Revolução Verde chegou na agricultura brasileira na década de 1960 e trouxe consigo um pacote tecnológico que modificou a forma de produção da agricultura no país, alterou a maneira de se relacionar com a natureza e a sociedade e que operou profundas modificações o modo de vida dos agricultores brasileiros. Também nesse período, durante o regime militar, aconteceu a consolidação do domínio da grande propriedade no campo, por intermédio de políticas agrícolas de crédito, incentivos fiscais, subsídios a aquisição de insumos e pela pesquisa, assistência técnica e extensão rural. Já no final da década de 1970 os movimentos de agricultura alternativa, impulsionados por uma série de acontecimentos pelo mundo, passaram a se movimentar e a contestar esse modelo de produção de alimentos, dentre eles estão a publicação da obra Primavera Silenciosa de Rachel Carson, em setembro 1962, a Conferência de Estocolmo da Organização das Nações Unidas com Discussão do Desenvolvimento e Ambiente em 1972. No Brasil as discussões passaram acontecer a partir dos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa, foram quatro eventos no período: Curitiba/PR (1981), Petrópolis/RJ (1984), Cuiabá/MT (1987) e Porto Alegre/RS (1989). Estes foram organizados pela Federação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (FAEAB) e a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). Também tiveram papel relevante nos debates as publicações, ainda na década 1970, das obras de Ana Maria Primavesi (Manejo ecológico do solo em 1979), de Adilson Paschoal: Pragas, praguicidas e crise ambiental (1979) e José Lutzemberger, que em 1976 publicou o Manifesto ecológico brasileiro: fim do futuro?. Dentro essa onda de questionamentos procuramos apresentar o importante papel desenvolvido pelas organizações não governamentais, na difusão da Agroecologia, ainda durante a década de 1980, dentre elas o Centro de Promoção da Agroecologia (CAPA) e o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP) . A metodologia é baseada na pesquisa bibliográfica do surgimento destas discussões e em documentos das entidades, entrevista com extensionistas e agricultores, e análise sobre a perspectiva da história ambiental. Como resultados parciais verificamos que as entidades são peça chave na agricultura familiar voltada para a produção agroecológica e que operou transformações nas sociedades e nos indivíduos que tem a Agroecologia como sua forma de trabalho, de sustento e que envolvem também uma filosofia de vida.

Palavras-chaves: História; Agroecologia; História Ambiental.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista Demanda Social CAPES. E-mail: landovarotto@hotmail.com.

